

## **Entre A Pele e a Palavra: Racismo Institucional e Hipersexualização do homem negro no espaço escolar**

*Entre la piel y la palabra: racismo institucional e hipersexualización del hombre negro en el espacio escolar*

Fábio Tompsen de Lima<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este relato de experiência apresenta reflexões sobre episódios de racismo institucional e hipersexualização vividos pelo autor em escolas públicas do município de Triunfo/RS. As situações descritas evidenciam como o corpo e a fala do homem negro são constantemente interpretados sob o prisma da suspeita e da erotização, mesmo quando revestidos de afetividade e respeito. A partir de autores como Frantz Fanon, Grada Kilomba, Bell Hooks e Silvio Almeida, o texto propõe uma análise sobre como a estrutura escolar reproduz práticas de exclusão e julgamento racial que comprometem a integridade profissional e subjetiva do educador negro. O relato busca contribuir para o debate sobre racismo institucional, ressaltando a necessidade de descolonizar as relações interpessoais e pedagógicas dentro das instituições públicas de ensino.

### **Resumen**

Este relato de experiencia presenta reflexiones sobre episodios de racismo institucional y de hipersexualización vividos por el autor en escuelas públicas del municipio de Triunfo/RS. Las situaciones descritas evidencian cómo el cuerpo y la palabra del hombre negro son constantemente interpretados bajo el prisma de la sospecha y de la erotización, incluso cuando están revestidos de afecto y respeto. A partir de autores como Frantz Fanon, Grada Kilomba, Bell Hooks y Silvio Almeida, el texto propone un análisis sobre cómo la estructura escolar reproduce prácticas de exclusión y de juicio racial que comprometen la integridad profesional y subjetiva del educador negro. El relato busca contribuir al debate sobre el racismo institucional, destacando la necesidad de descolonizar las relaciones interpersonales y pedagógicas dentro de las instituciones públicas de enseñanza.

Palabras claves: Racismo institucional; Hipersexualização; Escola pública; Corpo negro; Resistência.

---

<sup>1</sup> <sup>1</sup>Licenciando em Letras Português - EaD; Universidade Federal do Pampa – Campus Jaguarão, Brasil; [fabio.tlima@email.com](mailto:fabio.tlima@email.com)).

## **1. Introdução**

Ser professor negro na escola pública brasileira é enfrentar diariamente o olhar que não apenas avalia, mas também desconfia. Este relato de experiência nasce da necessidade de dar voz a situações que, embora individuais em aparência, revelam dinâmicas coletivas de racismo estrutural e institucional.

Durante o exercício da docência nas escolas “escola 1” e “escola 2, ambas localizadas no município de Triunfo/RS, vivi episódios em que minha conduta profissional foi descontextualizada e interpretada sob a lente da hipersexualização e da desconfiança moral. O relato que apresento aqui não busca expor pessoas, mas denunciar mecanismos sutis e persistentes de desumanização que, como afirma Fanon (2008), transformam o negro em “objeto de olhar e desejo, jamais de reconhecimento”.

## **2. Desenvolvimento**

### **2.1. Tamanho e formato do papel**

O primeiro episódio ocorreu na escola 1, onde sempre busquei cultivar um ambiente leve e respeitoso com os alunos. Em uma ocasião, durante o recreio, dirigi-me a uma estudante e disse, em tom de brincadeira e cortesia: “Deixou cair aí... um pingão da tua beleza.” A frase, dita com espírito de leveza e sem qualquer conotação sexual, foi interpretada como inadequada.

A equipe diretiva, ao receber o relato, instaurou uma ata sem sequer me oferecer o direito à defesa. A interpretação das minhas palavras, destituída do contexto e de minha intenção, foi marcada pelo que Kilomba (2019) denomina de “olhar colonial”, que exotiza e sexualiza o corpo negro, reduzindo qualquer gesto de amabilidade à ameaça.

Posteriormente, outra aluna afirmou que eu teria “a convidado para aulas particulares em minha casa”. A situação real, no entanto, foi a de uma conversa pedagógica no pátio, quando a chamei, tocando-lhe brevemente o braço, para conversar sobre seu baixo desempenho no SAEB e sugerir uma recuperação. O contato físico, trivial no convívio escolar, foi ressignificado como ato de assédio — um julgamento que, conforme Hooks (1992), se ancora no imaginário racista que associa o homem negro à virilidade descontrolada.

## **2.2 O episódio do banheiro e a condenação sem escuta**

O episódio mais grave foi o relato de que eu teria “convidado uma aluna para ir ao banheiro”. Na verdade, ao sentir urgência fisiológica durante uma aula, sinalizei à monitora que sairia por instantes. Nesse momento, uma aluna pediu para ir também, e respondi naturalmente: “Vamos, eu vou no meu e você vai no seu.” A frase, dita em tom neutro e prático, foi usada como fundamento para uma acusação de conotação sexual.

Essas distorções resultaram em minha demissão *sem direito a defesa*, evidenciando o caráter institucional do racismo que me atravessou. Como observa o autor (ALMEIDA, 2019), *o racismo não é um ato isolado, mas o resultado da normalização de práticas institucionais e comportamentos sociais que produzem e reproduzem a desigualdade racial*.

## **2.3 O isolamento e a alienação no ambiente escolar**

Na escola 2, o racismo se manifestou de modo mais silencioso, porém não menos cruel. Desde o primeiro dia, fui ignorado por colegas, excluído de reuniões e planejamentos, e constantemente deixado sem informação sobre atividades extracurriculares. O silêncio e a indiferença operaram como formas de alienação, corroendo o sentido de pertencimento e dignidade profissional.

Frantz Fanon (2008) já advertia que o racismo institucional “despersonaliza o sujeito negro e o aprisiona em um corpo que não lhe pertence”. A exclusão cotidiana, somada à troca de informações entre as equipes diretivas das duas escolas, consolidou uma narrativa sobre mim sem que eu pudesse sequer ser ouvido.

## **3. Conclusão**

As experiências relatadas revelam o quanto o racismo institucional e a hipersexualização do homem negro permanecem enraizados na escola pública brasileira. O corpo negro docente, ainda hoje, é visto como corpo suspeito — sua presença incomoda, suas palavras são vigiadas, seus gestos são lidos como ameaças.

Tais vivências ultrapassaram o espaço profissional e atingiram profundamente minha vida pessoal e familiar. A demissão injusta, acompanhada da difamação e de narrativas distorcidas, repercutiu em uma cidade de pequeno porte, com menos de 25 mil habitantes, onde a circulação de informações se dá de modo veloz e, muitas vezes, sem compromisso com a verdade. Como consequência, passei a conviver com o medo constante de que meus filhos, ainda menores, ouçam acusações infundadas que me rotulam de forma cruel e desumana.

Essas experiências demonstram que o racismo institucional não se limita às paredes da escola: ele se infiltra nas relações comunitárias e destrói reputações, corroendo identidades e afetos. O rótulo injusto, aqui, opera como uma forma extrema de violência simbólica, que, como lembra Pierre Bourdieu, visa silenciar o sujeito pela vergonha.

Escrever este relato é um ato de resistência. É, como propõe Grada Kilomba (2019), transformar a ferida em palavra, e a palavra em possibilidade de cura coletiva. Que este texto sirva para provocar reflexão nas instituições educativas, reafirmando que a luta contra o racismo começa pelo reconhecimento da humanidade daqueles que o sistema insiste em desumanizar — dentro e fora dos muros da escola.

#### **4. Referências bibliográficas**

- ALMEIDA, SILVIO. *Racismo Estrutural*. feminismos plurais. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. (obra completa)
- BOURDIEU, PIERRE. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- FANON, FRANTZ. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- HOOKS, BELL. *Olhares Negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.
- KILOMBA, GRADA. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MUNANGA, KABENGELE. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 2019.